**CONSUMO /** Altas no preço de roupas masculinas e femininas refletem repasses de aumento de custos da indústria acumulados desde a pandemia

# Inflação do vestuário é a maior desde 1995

» RAFAELA GONÇALVES
» MARCOS BRAZ*



## Roupas mais caras

*Em um ano, os preços do setor de vestuário acumularam alta de 19,16%. Confira de quanto foi a alta de alguns itens:*

**Inflação de itens de vestuário acumulada em 12 meses** - Em 12%

| | | | |
|---|---|---|---|
| Roupa masculina | **22,28** | Saia | **23,08** |
| Camisa/camiseta masculina | **24,31** | Calça comprida feminina | **22,25** |
| Agasalho masculino | **21,99** | Roupa infantil | **15,63** |
| Calça comprida masculina | **20,11** | Agasalho infantil | **20,68** |
| Roupa feminina | **21,76** | Calça comprida infantil | **19,99** |
| Vestido | **25,14** | Uniforme escolar | **8,83** |

Fonte: IBGE

Apesar de a inflação ter dado sinais de desaceleração nos últimos três meses, um dos itens mais importantes do consumo pessoal, as roupas, não têm dado trégua nos preços. Em um ano, conforme os dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os custos com itens do setor de vestuário subiram 19,16%, a maior inflação para a categoria desde 1995.

Entre as maiores altas, destacam-se as roupas masculinas, cujos preços acumulam elevação de 22,28% nos 12 meses encerrados em setembro, de acordo com os dados do IBGE. Na categoria feminina, a maior alta foi do item vestido, que avançou 25,14%, na mesma base de comparação. O segmento de roupa infantil acumulou alta 15,63% em 12 meses, com destaque para os agasalhos, que tiveram ficaram 20,68% mais caros em um ano.

"Os preços de tudo vem subindo e normalmente isso é repassado para o preço do produto ao nosso cliente. Infelizmente, não tem como segurar", afirma o gerente comercial de uma loja de roupas masculinas no Brasília Shopping, Ladmir Bilhão. Mesmo com a carestia dos itens de vestuário, o movimento das lojas ainda é bastante positivo, tendo em vista o quanto o setor sofreu com a pandemia, com os shoppings fechados.

Mas é preciso manter as estratégias para atrair clientes, sobretudo em forma de promoções. "Mantemos sempre uma promoção ou outra para que possa trazer o cliente até a loja. Lógico que, em alguns produtos, não dá para dar desconto. O repasse de custos foi muito grande", destaca.

### Disparada

O setor de confecções vem operando com várias pressões inflacionárias desde agosto de 2020, no auge da pandemia da covid-19. "Naquele momento as pressões derivadas dos aumentos de custo começaram a bater nas relações comerciais com varejo e as pressões inflacionárias vinham trazendo muito estresse para todas as indústrias, principalmente aquelas que dependiam do algodão. Esse cenário continuou a ocorrer durante todo o primeiro semestre de 2022", destaca o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Fernando Pimentel.

Em meados de junho deste ano, o algodão alcançou o maior preço dos últimos 10 anos e, em dois anos, o quilo da commodity agrícola chegou a subir cerca de 150%. "Isso pressiona violentamente os preços para o produtor têxtil e, obviamente, acaba chegando ao varejo. A inflação acumulada em setembro no grupo de vestuário vem de tudo que a indústria tem passado também nos últimos meses", afirma Pimentel.

De acordo com o coordenador dos Índices de Preços do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre), Andre Braz, além da alta da matéria-prima, o setor de vestuário teve de lidar com custos muito elevados, que acabaram encarecendo o produto final. Foi o caso da energia elétrica, que movimenta as máquinas para fabricação de tecidos, e do diesel, que impacta diretamente no custo do frete.

"Os números mostram que o consumidor está pagando por um preço que vem da grande indústria. São repasses de um custo que ficou muito elevado durante um número muito grande de meses, juntando a gargalos trazidos pela pandemia. Na sequência, tivemos a crise hídrica encarecendo energia e o aumento do preço do barril do petróleo, encarecendo os combustíveis que são responsáveis pelo frete. Todos esses fatores fizeram com que essa pressão de custos refletisse na alta dos itens de vestuário", explica Braz.

Alguns dos fatores que vinham pressionando os preços já tiveram um arrefecimento, como os combustíveis e a energia, que ficaram mais baratos, principalmente, com a redução do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). As cotações do algodão e da pluma também estão em queda neste início de outubro, conforme indicou o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). O Indicador Cepea/Esalq, com pagamento em oito dias, recuou 7,11% na parcial deste mês.

"Agora as condições estão mais favoráveis, porque a gente viu essa queda no preço desses insumos, energia e combustível. Só que essas quedas aconteceram de julho pra cá, então deu-se pouco tempo. Acredito que agora o setor esteja se recuperando das vacas magras de custos extremamente elevados e recompondo margem, exatamente para daqui a pouco também começar a desacelerar", avalia Braz. Ele acredita que a energia e os combustíveis não devem voltar a subir no curto prazo, evitando assim novos repasses. "Gradualmente, o grupo vestuário deve registrar variações um pouco mais baixas", acrescenta.

### Particularidades

A moda tem suas particularidades, que refletem nas vendas do varejo. Um efeito que costuma encarecer os preços e que não tem a ver com a pressão de custos é a mudança de estações. Com a chegada de uma nova coleção, os itens de vestuário tendem a ficar mais caros, por representarem lançamentos.

"Em geral, essa troca de estação provoca um aumento de preço, mas ele não é duradouro. Alguém pesquisou e investiu numa coleção nova, por isso, ela tende a chegar às lojas mais cara. Acredito que uma parte do que pudemos observar nos preços em setembro represente esse fator. Essa tensão nos preços tende a desacelerar à medida que o verão avançar e que a coleção já não for mais tão nova assim", pontua Braz, em referência à mudança de estação no mês passado.

Entre os meses de janeiro e fevereiro, as lojas costumam fazer promoções com as peças que sobraram da coleção de alto verão. Em março, é lançada a coleção de outono, e abril tem o foco nas vendas. Em maio, é lançada a coleção de inverno, e as vendas do comércio seguem em junho. Mas há casos em que essas coleções são lançadas juntas: outono/inverno. Outra alternativa, além de esperar as peças deixarem de ser novidade, é aproveitar datas atípicas de promoções, como a Black Friday, que ocorre no fim de novembro.

***Estagiário sob a supervisão de Rosana Hessel**

# Mudanças nas relações de consumo

Para além dos preços, um novo olhar sobre o modo de produzir itens de vestuário vem ganhando força em todo o mundo, com um pensamento mais sustentável: o movimento slow fashion. O conceito, traduzido ao pé da letra como "moda lenta", vem mudando as relações de consumo e exigindo mais atenção das marcas em relação aos seus processos de produção.

Na contramão do fast fashion, um sistema de produção em massa que prioriza quantidade e custos menores com mão de obra e matéria-prima, o slow fashion alcança pessoas de forma que elas passem a consumir a moda mais conscientemente e reaproveitando peças antigas ou usadas.

Foi com a alta dos itens de vestuário que a publicitária Ana Laura Pinheiro, de 23 anos, decidiu buscar alternativas para manter o estilo sem precisar desembolsar muito. "As lojas de departamento de shopping eram mais acessíveis, hoje, você não acha mais uma calça ou um short por menos de R$ 100. Eu comecei a comprar muito mais em brechó ultimamente, até porque você consegue uma roupa de marca, que é bem mais barata do que na loja. Outra opção é trocar com amigos, uma maneira de substituir algo que você não tem mais interesse por algo que você realmente vá usar. Além de sair mais em conta, essas opções são bem mais sustentáveis", afirma.

Os brechós são lojas que vendem peças de roupas geralmente usadas, por isso costumam ter preços menores do que o mercado oferece. Entretanto, pode haver opções que não foram usadas e são novas. Uma das principais vantagens desse tipo de loja é que na maioria das vezes reutiliza produtos, então evita que sejam desperdiçados ou jogados fora, sendo uma ótima opção para economizar dinheiro e contribuindo também para o meio ambiente.

"De uns anos para cá, realmente tudo aumentou, e as coisas estão em um preço meio exorbitante, que chega a assustar a gente. Principalmente, nessas lojas de fast fashion, em que a qualidade nem é tão boa assim. Durante a pandemia, eu comecei a costurar e a solução que eu vi foi realmente começar a fazer minhas próprias roupas", conta o estudante Vitor Silvério, 22 anos. **(RG e MB)**

## Brasil S/A

**por Antonio Machado**



machado@cidadebiz.com.br

# Os senhores da guerra

Shhhh... Não quero perturbar a baixaria da campanha eleitoral, mas há coisas sérias intrigando o mundo, que é melhor ficarmos espertos. Não falo das bravatas nucleares de Vladimir Putin, presidente russo, na Ucrânia. Isso é com os europeus, espera-se... Falo de outra guerra, anunciada sem tiro nem bazófia no último fim de semana, que, se levada adiante, impactará o comércio global em centenas de bilhões de dólares anualmente.

Negando anúncios recentes do secretário de Estado dos Estados Unidos, Antony Blinken, segundo os quais os EUA não procuram uma "guerra fria" com a China, o escritório de indústria e segurança do Departamento de Comércio divulgou um denso documento com 139 páginas ampliando sobremaneira, com dezenas de restrições, os "controles adicionais de exportação" de itens de computação avançada e de fabricação de semicondutores.

O embargo inclui restrições a acordos de colaboração com entidades chinesas de pesquisa e de licença de tecnologias visando proteger a segurança militar dos EUA. Mas as implicações econômicas têm maior alcance, já que itens de inteligência artificial e desenvolvimento de chips avançados são hoje onipresentes na indústria comercial e de serviços, indo de veículos e máquinas agrícolas automatizadas a exames clínicos, equipamentos de energia e inovações financeiras.

Semicondutores estão para a vida moderna como a energia elétrica e o petróleo entre o fim do século 19 e o início dos anos 1900. Nada mais se faz sem as minúsculas placas de silício, com informações e comandos gravados, inseridos em tudo o que hoje alimenta, protege, movimenta, distrai, aquece e nos esfria. Nele está o poder.

Só que o grosso de bens industriais à venda no mundo sai da China, que importa pouco para o porte de sua demanda interna, país com 1,3 bilhão de habitantes, sobretudo alimentos e minérios, mas é muito para exportadores de insumos, com Brasil à frente de todos.

O mundo interconectado das cadeias de produção desabará se houver algum solavanco, como vimos no auge da pandemia da covid-19 e, em menor grau, na invasão da Ucrânia pela Rússia. Isso é o que põe em risco a escalada de restrições dos EUA ao acesso a inovações tecnológicas, se tiver êxito com o que pretende: sufocar o avanço tecnológico da China, entendido como desafio à sua hegemonia no mundo.

### Todas as opções são ruins

Foquemos o que isto significa para nossa segurança econômica, hoje amplamente dependente das exportações de alimentos e minérios.

A China é obcecada com a soberania alimentar. Até o final do ano, a China, com 20% da população mundial, deverá ter em estoque cerca de 65% do milho e 53% do trigo do mundo. Parece muito, e é, sobretudo, para quem a abastece, como o Brasil, mas corresponde a apenas 5% de seu deficit total de produção própria de alimentos. O país importa apenas 10% do milho que consome, mas isso a torna o maior importador de milho do mundo. Consome quase 120 milhões de toneladas de soja por ano, equivalente a toda a safra de grãos dos EUA, mas importa 62% de toda a soja comercializada no mundo.

Cerca de 30% dessas importações vêm dos EUA, e, boa parte do resto, do Brasil. Sem a soja, grande parte da principal fonte de proteína da China, sua enorme indústria de carne suína (a maior do mundo), entraria em colapso, segundo informe da inteligência dos EUA.

Agora, suponha que o embargo dos EUA de suas tecnologias vitais seja bem sucedido. Qual será a sequela: uma nova guerra fria, uma guerra quente, a desaceleração de seu forte crescimento econômico? Nenhuma dessas opções é boa, umas são piores que outras, mas todas comprometem a nossa soberania econômica. E ninguém tem tais temas na agenda de prioridades, nem as Forças Armadas, mais preocupadas com o que não lhe diz respeito, como a integridade das urnas eletrônicas.

### Subemergente consciente

O desenvolvimento como esteira do sucesso econômico e paz social era tema frequente até 40 anos atrás nas entidades empresariais, nas universidades e na área militar. Hoje, impera a mediocridade.

De repente, tudo se perdeu, jovens egressos das universidades dos EUA e de cursos de MBA mudaram o foco para o mercado como indutor mais qualificado do desenvolvimento que o planejamento, que nunca foi só da burocracia do Estado, mas um híbrido público e privado.

Isso em meio ao legado do regime militar, inflação descontrolada e crônica escassez de divisas, impôs o saneamento fiscal como a prioridade da vez. A inflação se endereçou com a reforma monetária de 1994. A dependência de dólares foi eliminada com a formação de reservas a partir do primeiro governo Lula, de US$ 370 bilhões, mais que o total da dívida externa, feito que seus adversários ignoram.

E o ajuste fiscal? Se no início os deficits orçamentários vinham do gasto público financiado com emissão monetária, com o tempo os novos procedimentos de contabilidade pública e de controle deveriam ter solucionado. Fracassaram não por erro de implementação, mas porque o Estado foi sendo capturado por interesses empresariais, sob o disfarce de partidos fisiológicos e o manto da ideologia neoliberal de que o planejamento seria nocivo ao bem-estar, secando as fontes dos fundos que moviam a indústria. Sobraram apenas para o agro, que deslanchou, mas porque havia demanda externa garantida.

### Ascensão de outra ordem

É este o pano de fundo e contexto dos EUA no mundo, também vítima do fundamentalismo de mercado desde o governo Reagan. Teve sucesso na estratégia de colapsar a cambaleante União Soviética, pondo fim à chamada Guerra Fria entre ambas as potências rivais da época. Mas plantou a semente da decadência econômica, ao matar o forte keynesianismo, que vinha da 2ª Guerra, com desregulamentação, corte de impostos dos ricos e controle da inflação por meio de juros.

A alocação de fábricas de empresas americanas em países com baixo custo salarial e tributário e nenhuma regra ambiental, sobretudo a China, importando o que antes produzia localmente, minou a riqueza da sua então frondosa classe média, vindo bater em Trump, em 2016.

Ele prometeu fazer a América grande outra vez, o acrônimo MAGA, em inglês, num processo mal sucedido, que misturou ódio contra negros e imigrantes, restrições à China, e fez emergir a extrema direita.

O "fundamentismo de mercado", como os críticos de direita definem o neoliberalismo, foi mantido com Trump, mas está em baixa com Biden e ganhará impulso se a nova direita da oposição republicana voltar ao poder. Oren Cass, um de seus gurus, escreveu que "o livre comércio internacional não é um princípio vital de liberdade na tradição americana; foi adotado pelos piores motivos e produziu os piores resultados". Não se trata do fim da globalização, trata-se de quem manda nas regras da ordem internacional. E nós com isso?

Se a economia da China enfraquecer ou voltar-se mais para dentro, a exportação de commodities não bastará para nos manter. E já não basta para manter a coesão social reclamada nas urnas. O que fazer?